

Educação de Jovens e Adultos: Sujeitos, saberes e fazeres

Camila R. Lahm Vieira (Faculdades Integradas de Taquara – camilalahm@faccat.br)

Aneli Paaz (Faculdades Integradas de Taquara – anelipaaz@faccat.br)

RESUMO

O presente relato de experiência pretende apresentar os principais aspectos coletados na realização de visitas a escolas com classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), abrangendo depoimentos de docentes e discentes. Além disso, objetiva contrastar estes achados práticos ao aporte teórico estudado junto à disciplina de Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), bem como ampliando a busca de referenciais relativos ao tema de estudo. Ambas escolas visitadas fazem parte da rede pública estadual de ensino, localizadas em cidades da região do Vale do Paranhana. Os dois educandários funcionam em três turnos de trabalho, sendo que as classes de EJA ocorrem no período noturno. As turmas possuem uma média de 30 alunos matriculados, contudo, pouco mais de 20 são alunos efetivamente frequentes em sala de aula. Uma das turmas visitada corresponde às séries finais do Ensino Fundamental e a outra ao primeiro ano do Ensino Médio. Cabe citar que, com a finalidade de enriquecer o estudo, também foi visitada uma turma de séries finais (em classe regular) com intuito de conhecer suas percepções acerca dos colegas estudantes na modalidade EJA. A condução do presente estudo justifica-se pela busca de atender a um dos objetivos da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no que concerne ao conhecimento e compreensão desta modalidade de ensino em seu contexto atual, refletindo sobre os processos e práticas educativas em suas dimensões legais, históricas, sociais e culturais.

Base Teórica: Sustentação que precedeu a Observação in loco

Valle (2013) nos lembra da existência de grande parcela de cidadãos brasileiros (de 15 anos a mais) que, por diferentes razões, não tiveram acesso à escola ou dela foram excluídos precocemente. Por este motivo, a educação brasileira assegura o ingresso deste público na escola regular, garantindo sua permanência e conclusão dos estudos no que se convencionou denominar de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

As resoluções e pareceres concernentes às Diretrizes Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil pontuam aspectos relativos à oferta e estrutura curricular de

ensino fundamental e médio dos cursos que desenvolvem esta modalidade de ensino. Como visto em aula na apreciação de diferentes elementos informativos (indicadores estatísticos, notícias, reportagens, artigos de revistas educacionais), o Brasil continua exibindo um número considerável de analfabetos funcionais, com sujeitos incapazes de utilizar a leitura/escrita/habilidades matemáticas em seu contexto social (VALLE, 2013).

Saraiva (2006) nos lembra que a escolarização de jovens e adultos, previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), número 9394 de 1996, trouxe consigo todos os dilemas de uma prática pedagógica prevista para ser ressignificada como modalidade de ensino, abarcando também aspectos como: materiais, procedimentos, metodologias, conteúdos, entre outros, visando assegurar a aprendizagem desta clientela dentro das escolas. Neste entendimento, conforme a autora, a escola não pode ser a que trabalha com aluno ideal com um professor que ensina para todos, pressupondo que todos vão aprender e que os que não aprendem são os fracassados.

Prosseguindo, a autora sugere que o professor deve revelar aos jovens e adultos que é possível aprender de outras maneiras, demonstrando sensibilidade para escutar e olhar seu aluno real, levando em conta o que espera da escola “como alguém que não sabe tudo, mas que, de repente, também aprende” (SARAIVA, 2006, p.85).

Ao considerar as especificidades existentes na educação de pessoas adultas, surgem estudos que fazem menção à andragogia, introduzida por Knowles em 1973, termo oriundo do grego: *andros* = adulto e *gogos* = educar. Carvalho et.al. (2010) citam os postulados da andragogia, entendida enquanto modelo para ensino de adultos na perspectiva de educação como responsabilidade compartilhada entre professor e aluno. De acordo com estes pressupostos andragógicos o docente necessita aprender que os adultos têm predileção pelo auxílio na compreensão da importância prática do assunto a ser estudado, preferindo também experimentar a sensação de que cada conhecimento fará diferença em suas vidas. Para Gadotti (2001) o educador de jovens e adultos necessita respeitar as condições culturais do jovem e do adulto brasileiro, realizando um diagnóstico histórico-econômico do grupo junto ao qual irá trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico e o saber popular.

Em consonância com o apontamento de Gadotti, a obra de Moura (1999) pontua que a prática pedagógica na EJA deve ter como objetivo propiciar condições de ensino aprendizagem para que os sujeitos se apropriem, internalizando um sistema de representação da realidade por meio da linguagem escrita, conforme os postulados de estudiosos significativos nesta área como: Vygostsky, Emilia Ferreiro e Paulo Freire.

Ao abordar os significados da escolarização na EJA, Batista e Batista (2006) apresentam um estudo realizado em escolas estaduais com classes de EJA, cujos alunos pesquisados percebem a escola como garantia de ascensão social e dentre as causas para interrupção dos estudos aludem à necessidade de auxiliar em casa (dificuldade de conciliar trabalho e estudos); perdas familiares e outras circunstâncias de vida. Para Saraiva (2006) a escola segue quase que exatamente como há cem anos atrás, configurando um espaço para transmissão de conhecimentos, apesar da gama de teorias existentes em relação ao conhecimento, às novas formas de ensinar, aprender e no que tange à emergência de mudar a prática para atender às necessidades de sujeitos inseridos em um mundo globalizado, com mudanças vertiginosas e crescentes. E por mais paradoxal que possa ser, a escola excludente – que afastou e afasta tantos alunos por não conseguirem atender aos objetivos traçados – é a mesma que os alunos de EJA esperam encontrar quando de seu retorno, visto que, na ordem hierárquica das relações de poder, essa é a escola em que outros triunfaram. Neste viés, conforme a autora, “não foi a escola que fracassou, são eles os fracassados” (p. 83). E ao voltarem, estes jovens e adultos têm o sonho de reencontrar e dar conta dessa escola que não conseguiram vencer. Assim, vê-se como este alunado regressa com uma bagagem de vida permeada pelo estigma do fracasso e com a necessidade/compromisso de superação.

No texto de Moll (2011) também apreciado durante as aulas na disciplina de EJA, a autora versa sobre as especificidades na atuação docente junto à alfabetização de jovens e adultos, destacando o desafio da reconstrução do trajeto de retorno à escola por parte destes homens e mulheres marcados por um passado de situações escolares desfavoráveis. Godinho e Kato (2011) apontam a sala de aula enquanto espaço de autoria, narrando experiência significativa junto à turma de EJA por meio do uso de técnicas expressivas em oficinas que convidaram o grupo ao trabalho com leitura de imagens e leituras de mundo.

Saraiva (2006) aponta a inexistência de formação específica tanto para os docentes de EJA quanto para os formadores destes professores, ou seja, muitos professores ensinam aos jovens e adultos como ensinam crianças e adolescentes que estão na escola em idade regular. Ampliando a problemática, Saraiva menciona que se a escola regular já não está atendendo às necessidades de crianças neste mundo de transformações, as práticas pedagógicas na EJA exigem outra postura por parte do professor e outra demanda dos alunos.

O desafio docente junto às classes de EJA reside na articulação das práticas sociais com as práticas escolarizadas. O contexto junto ao trabalho com jovens e adultos exige interação, troca, elaboração coletiva, significação dos saberes (de cada aluno e do grupo), além do redesenho de uma nova ação pedagógica – já preconizada por Paulo Freire – com vistas a “não

repetir a escola da repetência” (SARAIVA, 2006, p. 85). Para tanto, há que se pensar na necessidade de considerar discentes que aprendem de forma global, integrando a dimensão intelectual de sua personalidade com as dimensões afetiva e relacional.

Ainda conforme o aporte desta autora, o trabalho orientado para ressignificação de tempo e espaço em sala de aula deve também abrir espaço para o trabalho interdisciplinar, permitindo que os jovens e adultos construam sua rede de significados. Como forma de organização didática que considera os conhecimentos nesta perspectiva, sugere-se o emprego de projetos, o que poderá aproximar as práticas sociais das práticas escolares. Além disso, o trabalho com projetos junto a EJA oportuniza o protagonismo (tanto individual quanto grupal), bem como a redefinição de papéis no ato de ensinar e aprender.

Discussão dos Dados

Este tópico trará excertos elucidativos, extraídos dos relatos e registros feitos junto aos docentes e discentes das classes de EJA visitadas pela acadêmica pesquisadora. Cada fragmento citado foi apreciado buscando uma relação com o aporte teórico estudado, visando corroborar a análise do mesmo.

A aluna E.R., de 41 anos, casada, mãe de dois filhos (uma menina de 7 e um menino de 12 anos), faxineira, ao rememorar sua trajetória escolar do passado e citar a razão da interrupção nos estudos, menciona: *“Lembro do carinho de alguns professores, tínhamos aula de música e voz, o que eu gostava muito. A parte ruim que lembro é a matéria de português...achava difícil e a professora era muito sem paciência”. (...)* *“Estudei até o 7º ano; parei por ter que trabalhar desde os meus 13 anos.”*

Ao abordar sobre o retorno aos estudos, na turma de EJA, ela relata que: *“Voltei porque é necessário para autoestima e para conseguir uma outra profissão. A propaganda na TV sobre estudo para maior de idade me fez refletir e ver que tenho oportunidades melhores através do ensino escolar.”(...)* *“Eu acho que a escola serve para dar dignidade ao ensinar, espero me formar e dar exemplo aos meus filhos.”*

“Estudei aqui nesta mesma escola na minha infância. O ensinar a ler e escrever torna possível nossa dignidade de não ser enganados tão facilmente, nos abre horizontes. (...) Lembro da professora Iracema, do meu primeiro ano de ensino, lembro do rosto sorridente dela ao ensinar. (...) Aprendi na escola a respeitar e amar o ser humano como ele é, não como a gente quer que ele seja. Durante a vida a leitura nos leva a conhecer o Criador e sua criação.”

Perguntada sobre o período inicial de retorno à escola, sua adaptação, sentimentos despertados, a aluna citou: *“No começo me senti um dinossauro pré-histórico, mas agora estou mais ambientalizada e tenho boas amizades e pessoas como eu estão aqui lutando por dias melhores.”*

Solicitada para contar um pouco sobre sua rotina escolar atual, na classe de EJA, a aluna E.R coloca: *“Eu chego as 18 horas depois de pegar minha filha na escola. Tomamos café juntos para deixá-los alimentados. Meu marido chega do trabalho e fica com eles. Pego meu material e vou para escola. (...) Gosto muito da quarta-feira, pois tem aula de artes e é o que mais gosto. As aulas são animadas, a turma se comporta mais e a professora se entrosou com a turma. Tem matemática neste dia também, sabemos que é muito importante, os alunos tem interesse, participam, um encoraja o outro a continuar. Temos inglês, também gosto, por aprender um idioma novo, que alegria! Tem países onde as crianças sabem dois ou três idiomas, só de casa mesmo. Eu acho que sempre temos oportunidade de aprender. Aprendemos todos os dias. Hoje temos professores dedicados, livros grátis, transporte escolar para ir e vir, merenda escolar para marmanjos...na minha época levávamos pão de casa. Eu gostaria de ter aulas mais alternativas, na área da música, dança, canto, teatro, um período ou dois na semana, pra dar um incentivo.”* *“Os alunos bagunceiros geralmente desistem, não vão até o final e no caso os professores fazem acompanhamento, dão advertências necessárias e procuram fazer o possível para o bom andamento das aulas. Eles só vão se dar conta do tempo perdido por não aprender mais tarde, vendo as dificuldades da vida, infelizmente. As aulas terminam as 22:20, espero o transporte e chego em casa antes das 23 horas. Chego cansada mas animada. No futuro quero trabalhar com decoração de ambientes, algo nesta área de serviço.”*

Confirmando a prevalência de mulheres entre o alunado das classes de EJA, a segunda participante do estudo é R.T, 33 anos, agente de serviços operacionais, divorciada, mãe de uma filha de 8 anos, cursando o EJA no primeiro ano do ensino médio.

Ao expressar o motivo pelo qual interrompeu os estudos, R.T abordou a questão da gravidez na adolescência como razão da interrupção. Relatou que por algumas vezes, no decorrer dos anos, sentiu-se discriminada pelo fato de não ter completado os estudos.

Assim, ela refere que retornou à escola pela necessidade de capacitação para adquirir um trabalho melhor. Contou ter tomado conhecimento da existência de turma de EJA ao conversar com uma amiga sobre a vontade de *“conseguir um emprego melhor”*.

Ao comparar a escola de sua trajetória pregressa com a experiência atual, R.T. refere perceber que *“na escola de hoje, vejo gente mais interessada em aprender”*. Fazendo menção à sua motivação para os estudos, ela diz que não pensa em desistir, pois reconhece a importância

da conclusão do Ensino Médio: *“Através das aulas aqui no EJA tenho aprendido muito, compreendido de forma simples. O que espero não é só o diploma de conclusão, mas sim o conhecimento e seguir adiante.”*

Uma das docentes que contribuíram com o nosso estudo, J.M, trabalha há 15 anos junto ao EJA, possuindo como habilitação Magistério, Cursos Adicionais para Professores Multidisciplinares, Curso para EJA, licenciatura em Letras incompleta. Já atuou junto às classes de EJA em escolas de Parobé e Taquara.

Questionada sobre o início da atuação junto ao EJA, a docente relatou que a escolha se deu por uma indicação, convite da diretora da escola em que trabalhava, devido ao seu perfil, por trabalhar com projetos e não ser apenas conteudista.

Com relação às maiores dificuldades dos alunos neste segmento, a docente relatou: *“Cansaço, falta de apoio dos cônjuges, baixa autoestima, culpa por ter parado de estudar.”* Dentre as maiores facilidades do alunado, destacou: *“Engajamento em projetos, dedicação, trocas de experiências.”*

Ao narrar os maiores desafios de ser uma professora de turma de EJA, referiu: *“Fazer com que os próprios alunos deixem de lado o preconceito com o curso, que não se sintam estigmatizados como incapazes.”*

Ao ser indagada sobre o que trouxe maior satisfação nesta vivência, a docente conta: *“A valorização e o respeito dos alunos com o professor, o engajamento dos alunos nos projetos, as trocas de experiências.”*

Arguida sobre a melhor maneira de motivar os alunos a não desistirem do curso, citou: *“Ter respeito às suas individualidades, compreender suas dificuldades, realizar aulas descontraídas e diversificadas, mas principalmente, colocar-se frente a eles olhando em seus olhos e mostrando o quanto acreditamos neles e o quanto os respeitamos pelas suas histórias de vida.”*

Quando questionada acerca de desistências e evasão por parte dos discentes, a educadora apontou como motivação para estas ocorrências: *“Na escola municipal eram raras as evasões. Na escola estadual, as evasões ocorrem devido à presença de alunos advindos de turmas da manhã, transferidos para o noturno por motivos disciplinares, que apenas atrapalham as aulas, consomem drogas e praticam bullying, sem que muitas vezes sejam tomadas medidas disciplinares adequadas.”*

Dentre as práticas pedagógicas e demais ações engendradas no intuito de motivar os alunos de EJA, a docente J. M referiu que desenvolve diversos projetos, realização de exposições e eventos com foco nos talentos diversificados dos alunos. Ao ser indagada de que

maneira a formação que possui ajudou na escolha e atuação de ser professora na EJA e se teve que buscar alguma formação complementar, J. M. colocou que logo após ser indicada para trabalhar com EJA identificou-se com a proposta e participou de um curso oferecido pela gestão municipal, ministrado pela FACCAT.

Sobre a valorização docente, J.M coloca: *“Tanto professores de EJA como professores de turmas convencionais se deparam com falta de recursos, acúmulo de horas, alunos que se recusam a aprender, falta de respeito dos alunos, falta de apoio... Há que se cobrar e responsabilizar menos os professores por aquilo que é responsabilidade da família; deixar de operar escolas como se fossem reformatórios esperando que os professores realizem milagres sociais.”*

Dentre as descobertas e lembranças ao longo do processo junto dos alunos da EJA, a docente cita emocionada: *“Que não há limites quando há empenho e dedicação todos os envolvidos no processo de aprendizagem, que é possível criar uma rede de apoio que possibilita superar as dificuldades que surgem ao longo do processo. A emoção e o brilho nos olhos dos alunos ao concluírem o curso, o sorriso de quem se viu capaz e passou a acreditar em si mesmo, isso é muito precioso!”*

A segunda docente participante, V.S, possui habilitação no Magistério, é licenciada em história e especialista em Gestão Educacional. Atua junto à turma de EJA desde 2011, tendo antes disso trabalhado com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Sua experiência inicial junto à EJA se deu em turma de alfabetização, mas atualmente centra-se nas séries finais.

A escolha pela atuação junto a este público, segundo conta a professora, se deu na realização do estágio da graduação: *“me apaixonei pela modalidade.”*

Dentre as principais dificuldades, a educadora cita *“a disparidade de idade na mesma turma. Exemplo: 15 a 72 anos”*. Ao elencar os elementos facilitadores, a docente destaca: *“Um grande número de alunos acabam se aproximando e ou se identificando, aprofundando sua vontade de aprender, ampliando suas dimensões culturais e sociais.”* Sobre os aspectos desafiadores, seleciona: *“Motivar os alunos menores que frequentam as aulas apenas por ordem da promotoria, ou simplesmente até completar 18 anos, ou seja, obrigados.”*

Sobre a satisfação em relação ao ensino-aprendizagem dos alunos coloca: *“Sobretudo aqueles alunos que, por diferentes motivos, não frequentaram a escola ou a abandonaram e depois de anos iniciam ou retomam seus estudos.”*(...) *“A motivação para que não desistam vem da possibilidade de ascensão social e promovendo uma melhor compreensão do mundo/realidade em que vivem.”*(...) *“A evasão acontece por parte dos alunos que estão na escola para cumprir leis.”*

“Palestras, conversas com a orientação educacional, uso de slides e filmes, documentários, mediação de conflito, passeio de estudo, gincana, seminário, passeio de formatura” são apontamentos citados como ferramentas e recursos empregados para que os alunos se mantenham motivados e presentes durante o ano.

“Presenciar o desenvolvimento deles, preparando-se melhor para o mundo em que vivem é uma descoberta importante que realizei.”

“Independente de ser EJA ou não, estamos todos vivendo uma crise de desvalorização do ser professora.”

O que se pode considerar a partir dos principais trechos colocados pelas docentes, faz referência a uma atuação que se dá preocupada com as reais necessidades dos sujeitos-alunos, buscando alinhar ações e práticas pedagógicas em sintonia com o público ao qual o trabalho se destina. Ambas docentes tiveram sua atuação junto a este grupo por identificação com o público e o trabalho realizado na EJA. As professoras buscam fazer uso de técnicas diferenciadas, tornando atraente o estar na escola novamente, em tempos distintos do passado (em termos de espaço, metodologias, realidades) e encontram espaço para o emprego do trabalho com projetos, aproximando práticas sociais e práticas escolares.

Além disso, fica clara a busca destas educadoras pela formação continuada, embora relatem poucos espaços de formação com a especificidade da EJA. Também é flagrante seu envolvimento e profundo gosto pelo trabalho desenvolvido junto aos sujeitos desta modalidade de ensino, sem uma idealização dos jovens e adultos, os reconhecendo como sujeitos reais e capazes, portadores de bagagem de experiências significativas. Interessante destacar que ambas as professoras citam o atual cenário educacional vivenciado, no qual sentem-se desvalorizadas.

Conforme abordado em diversos materiais sobre EJA, a escassez de verbas para essa modalidade de ensino para que se possa investir em treinamento de professores, instalações específicas para esse público, etc. são características marcantes e que perduram na perspectiva histórica da EJA no Brasil.

Já as falas das discentes se coadunam com os trabalhos vistos ao longo da disciplina de EJA, cujos significados e discursos centram-se na busca de resgate dos estudos para melhoria das condições de vida e de trabalho. Ademais, citam os desafios experimentados no retorno à sala de aula nos dias de hoje, a discrepância entre os jovens (desinteressados) e os adultos (ávidos pelo saber, pela conclusão dos estudos) e o resgate de sua cidadania, evitando sentimentos de discriminação e/ou constrangimentos pelo fato de não terem concluído os estudos anteriormente. Também as razões que justificaram a interrupção dos estudos no

passado, confirmam estudos já analisados, perpassando aspectos como a dificuldade de conciliar estudo/trabalho e circunstâncias de vida (gravidez na adolescência).

Na consulta realizada junto aos estudantes de classe regular, alunos dos 8º e 9º anos das escolas visitadas, tendo entre 13 e 14 anos de idade, as questões que nortearam a busca de informações foram as seguintes: Conhece alguém que frequenta turma de EJA? Sabe dizer a idade dessa pessoa? Qual sua opinião sobre colegas que estudam nessa modalidade? Você sabe por que jovens e adultos buscam estudar nessas turmas? Qual sua ideia sobre isso?

Dentre as percepções aferidas pelos alunos, destaca-se:

- *“Minha dinda e meu dindo fazem EJA; eles tem 46 e 50 anos; eles podem terminar seus estudos e ser alguém na vida; esse tal de EJA foi genial terem criado, nota 10 para quem criou!”*
- *“Conheço um aluno de 17 anos. Acho que por vergonha de voltar para mesma série esses jovens vão para o EJA, para aprender com gente da sua idade.”*
- *“Essa é um oportunidade boa para terminar os estudos, muitos antigamente não conseguiam estudar como a gente pode hoje, então na EJA podem recuperar o tempo perdido, eles tem uma segunda chance para melhorar no mercado de trabalho.”*
- *“Vão para EJA pra conseguir trabalhar num lugar melhor.”*
- *“São pessoas que desperdiçaram a chance de estudar, rodaram e estão correndo atrás do conhecimento para se qualificar e ter um trabalho melhor.”*
- *“Buscam o EJA para aprender o que não aprenderam e para ter um bom futuro.”*
- *“Acho que é mais rápido para terminar os estudos.”*

Como se pode perceber nas colocações dos alunos estudantes das turmas regulares nestas escolas, existe uma ideia relacionada a turma de EJA enquanto uma “compensação” por tempo/oportunidades perdidas no passado, etc. Além disso, pode-se constatar fortemente a presença do mesmo ideário dos próprios alunos da classe de EJA que referem cursá-la no intento de uma melhor colocação no mercado de trabalho, vislumbrando melhores perspectivas para seu futuro.

Conclusões

Diante do exposto e de tudo que se pode depreender a partir deste estudo, pode-se analisar a problemática histórica e social da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na atualidade. Visitando educandários, conversando com docentes e discentes, foi possível revisitar

apontamentos vistos na trajetória acadêmica junto à disciplina, identificando as contribuições de autores e apontamentos marcantes nos discursos dos professores e dos estudantes.

Constatou-se o comprometimento das docentes regentes das classes de EJA no sentido de despertar em seus alunos a autonomia moral, a cidadania, sempre procurando resgatar sua autoestima, autoconfiança e o reconhecimento da importância de instruir-se para vida. Quanto aos alunos das classes de EJA, são expressivos os relatos marcados pelo contentamento no retorno à escolarização e os resquícios da educação vivenciada em seu passado. Além disso, nota-se o “estigma pelo fracasso e abandono” carregado por estes sujeitos que, por motivações de diversas ordens, necessitaram interromper os estudos.

A partir da compreensão trabalhada na disciplina de EJA, este trabalho representou um significativo estudo que teve, entre outros, o objetivo de discutir concepções circulantes a respeito dos sujeitos envolvidos neste contexto educacional. Neste propósito, foi possível conhecer as representações construídas, os sentidos e significados atribuídos à Educação de Jovens e Adultos, seus sujeitos, saberes e fazeres.

Referências

BATISTA, Jane Beatriz; BATISTA, José. Educação de Jovens e Adultos: os significados da escolarização. **Ciênc. Let.** Porto Alegre, n. 40, p. 39-53, julh/dez, 2006.

CARVALHO, Jair Antonio de., et. al. **Ensino, Saúde e Ambiente.** v.3 n 1 p. 78-90, abr, 2010. Disponível em: http://www.ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/ensino_saudeambiente/article/view/108/107. Acesso em: 13 de maio, 2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Parecer 11/2000, Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (9394/96) Brasília, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GODINHO, Ana Claudia Ferreira; KATO, Luísa Kakuta. Da leitura de imagem à leitura de mundo. *In: Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento.* In: Educação de Jovens e Adultos. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento.** *In: MOLL, Jaqueline (Org.). Educação de Jovens e Adultos.* Porto Alegre: Mediação, 2011.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky.** Maceió: EDUFAL, 1999.

SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. **Aprendendo com Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2000.

SARAIVA, Rosália Alvim. Projetos de Trabalho na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Ciênc.let.** Porto Alegre, n. 40, p.82-97, julh/dez 2006.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da Alfabetização**. Curitiba: Intersaberes, 2013.